

“NO MEIO DO CAMINHO”: SEIS VERSÕES DO POEMA EM INGLÊS

Lenita Esteves (USP)¹

Resumo: Este trabalho objetiva analisar e comentar seis versões inglesas do poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, que serão contrastadas com o texto em português e comparadas entre si. Sendo o poema tão repetitivo e composto por palavras simples do cotidiano, pode parecer, à primeira vista, que não haveria motivos para divergências muito grandes nas traduções. No entanto, uma análise detalhada demonstra que sutis nuances criam efeitos diversos para o poema em inglês. As traduções são de autoria de Manoel Cardozo, Elizabeth Bishop, John Nist, Virgínia de Araújo, Richard Zenith e George Monteiro.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; “No meio do caminho”; Tradução poética; Literatura brasileira em inglês.

Introdução

O célebre poema “No meio do caminho”, escrito por Carlos Drummond de Andrade em 1924, foi publicado pela primeira vez na *Revista de Antropofagia* em 1928 e finalmente no primeiro livro lançado pelo autor, *Alguma Poesia*, em 1930. Mário de Andrade, em carta a Drummond, expressou seu entusiasmo pelo poema, que qualificou como o “mais forte exemplo que conheço, mais bem frisado, mais psicológico de cansaço intelectual” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1988, p. 32). Em seguida, na mesma série de correspondências, Mário promete ao amigo que enviará alguns de seus poemas à revista *Estética*, mas não “No meio do caminho”, que ele teme que possa não ser bem recebido (DRUMMOND DE ANDRADE, 1988, p. 39). Isso indica, segundo Eucanaã Ferraz, que Mário “reconhecia o valor excepcional daqueles versos e, simultaneamente, intuía sua rejeição” (FERRAZ, 2013, p. 89).

O “poema da pedra”, como também ficou conhecido, encontrou fervorosos entusiastas e igualmente fervorosos detratores, mas parece não ter chamado grande atenção do público quando da sua publicação em livro em 1930. Como comenta Eucanaã Ferraz, à época da publicação de *Alguma Poesia*, “No meio do caminho” não provocou tantos comentários, tendo o “Poema de sete faces” ganhado mais atenção. No entanto, o “poema da pedra” alcançou popularidade e destaque quando Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro para assumir o cargo de Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema na pasta da Educação e Saúde Pública. Depois disso, narra Ferraz, “atacar ‘No meio do caminho’ passou à ordem do dia”.

¹Professora de teoria e prática de tradução no Departamento de Letras Modernas, FFLCH-USP. Contato: lenitaesteves@usp.br

A partir daí, “No meio do caminho” ganhou uma atenção exacerbada, sendo facilmente confundido com o poeta; este foi confundido com seu cargo; a poesia com a política; o subordinado com o chefe; o ministro com o Estado Novo (FERRAZ, 2013, p. 89).

Tanta controvérsia ocorreu que, em 1967, o próprio Drummond organizou um livro com todas as críticas e comentários suscitados pelo poema ao longo dos anos, que ele cuidadosamente coligiu num livro que chamou de “biografia” do poema (ANDRADE, 1967). O próprio Drummond chegou a declarar que o poema era “insignificante em si” (SARAIVA, 1967, p. 18) e que quando o escreveu foi motivado pela “chateação que estava sentindo” (SARAIVA, 1967, p. 10).

“No meio do caminho” é muitas vezes relacionado a um sentimento de tédio e monotonia (ACHCAR, 2000, p. 17), seguindo a linha inaugurada por Mário e ratificada pelo próprio Drummond: “Mas é mesmo chateação o que estava sentindo. Queria dar a sensação de monotonia, não senti essa sensação?”². Outra temática associada ao poema é a do obstáculo, do desencontro, da falta de transcendência e da frustração (CANDIDO, 2011, p. 76; ACHCAR, 2000, p. 19). Ouvem-se no poema ressonâncias do verso de abertura da *Divina comédia* de Dante (*Nel mezzo del cammin di mostra vita...*) (SARAIVA, 1967, 10; ACHCAR 2000, p. 17). Francisco Achcar considera que “a imagem da ‘pedra no meio do caminho’” constituiu-se no símbolo mais marcante da poesia de Drummond, e classifica o poema como o “batismo de fogo” do poeta (ACHCAR, 2010, p. 19). Eucanaã Ferraz julga que esse poema acabou “ganhando um destaque descomedido no conjunto de *Alguma poesia*” (FERRAZ, 2013, p. 90); em outro texto, o mesmo autor aponta que “No meio do caminho” foi “tomado como divisa entre os defensores da ousadia modernista” (FERRAZ, 2010, p. 10).

Provavelmente por conta dessa repercussão no Brasil, o poema ganhou várias versões traduzidas para o inglês (e também para outras línguas, é claro). Nas seções seguintes este trabalho vai explorar as características formais do poema – sua linguagem, sua estrutura sintática, suas repetições. Nessa fase, será aberta uma discussão sobre o que efetivamente é possível reproduzir dessas características em

² A frase é citada por Arnaldo Saraiva e foi retirada de um texto jornalístico assinado por Amélia Carmen Machado, intitulado “Conversa com Carlos Drummond de Andrade”, publicado no *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, no dia 14 de nov 1954 (MACHADO, 1954, apud SARAIVA, 1967, p. 10).

inglês. Em seguida, as versões inglesas serão analisadas e comparadas entre si e com o original, para que sejam apreciados os efeitos que cada uma delas conseguiu criar na língua-alvo.

“No meio do caminho”: estrutura formal e registro linguístico

O poema “No meio do caminho” chama atenção em vista das repetições e do reduzido número de palavras que o compõem, palavras essas que são de um registro majoritariamente informal e bastante comum da língua portuguesa.

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND DE ANDRADE, 2013, p. 36)

Vamos nos valer, por sua completude e objetividade, da descrição da estrutura do poema feita por Arnaldo Saraiva:

Trata-se de um poema de apenas 10 versos e, curiosamente, de outros tantos semantemas, colhidos na linguagem cotidiana: meio – caminho – tinha – pedra – nunca – esquecerei – acontecimento – vida – retinas – fatigadas.

Mas alguns dos versos são exatamente iguais: 1-4 -10; 2-9; 3-8, o que praticamente reduz a seis o número de versos “válidos”. Se bem atentarmos, porém, verificaremos que os versos 2-9; 3-8 e 7 não são mais do que a repetição quiasmática do 1, ou a repetição de metade desse mesmo verso (ou do verso 5, no caso do 7), pelo que o valor lógico do poema caberia todo nestes três versos:

*No meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.* (SARAIVA, 1967, p. 9).

Saraiva continua sua descrição contando palavras e quantas vezes elas ocorrem no poema, mas o que está transcrito aqui já é suficiente para iniciarmos a discussão. Na

verdade, a descrição de Saraiva é uma tradução em termos numéricos de uma impressão inevitavelmente causada pelo poema: muitas repetições de poucas palavras que não apresentam um desfecho para uma narrativa que supostamente se inicia (“No meio do caminho tinha uma pedra”). As palavras e sintagmas se repetem, de certa forma esvaziando o poema de sentido, ou apenas repetindo o sentido de uma mesma imagem, a pedra no meio do caminho.

É muito provável que essa estrutura muito repetitiva tenha sido o maior fator de irritação para os “detratores” do poema, como os chama Saraiva (1967, p. 17). No entanto, essa mesma estrutura repetitiva contribuiria para que as traduções fossem bastante semelhantes. Já em termos da escolha das palavras, o poema representa uma pedra no caminho dos tradutores, principalmente no que se refere ao “tinha” que abre o poema. Na verdade, esse “tinha”, no lugar do mais correto “havia”, também foi fator de irritação para os “detratores”. É interessante observar que Drummond, ao que tudo indica, escolheu esse termo sem titubear, pois não o alterou nas várias edições posteriores de *Alguma poesia*. Vale neste ponto fazer um pequeno desvio que permitirá que entendamos melhor como Drummond considerava o uso de termos coloquiais na sua poesia.

Mário e Drummond: sobre coloquialismo e poesia

Como se sabe, Drummond e Mário de Andrade trocaram cartas durante muitos anos, e muitas delas continham opiniões de Mário sobre poemas que Drummond lhe mandava, Mário atuando como uma espécie de mentor do jovem poeta. Numa das primeiras cartas, Mário comenta alguns poemas que Drummond lhe enviara, e que viriam a compor mais tarde *Alguma poesia*. Além disso, Mário enviou de volta a Drummond alguns poemas datilografados recebidos, com alguns comentários. À margem do texto datilografado de “Nota social”, Mário anota, ao lado do primeiro verso, “O poeta chega *na* estação”: “gostei da regência. Bravo!”. Como aponta Eucanaã Ferraz, Mário

elogiava, portanto, o uso de uma construção contrária àquela que a gramática normativa recomendaria – “O poeta chega à estação”. Mário, vendo na sintaxe desse verso um exemplo de escrita sem artificialidade, mais próxima da fala, ou, ainda, da gramática brasileira (FERRAZ, 2010, p. 14-16).

O comentário elogioso de Mário, entretanto, estimulou em Drummond uma reação mista de surpresa e desconcerto, já que ele não escrevera “na estação” deliberadamente; fora um lapso, como ele escreve em sua carta de 30 de dezembro de 1924:

“O poeta chega *na* estação”. Você gostou da regência... pois eu não gostei, e agora que peguei o erro, vou emendá-lo. Isto é modo de ver pessoalíssimo: correção ou incorreção gramatical. Sou pela correção. Ainda não posso compreender os seus curiosos excessos. Aceitar tudo o que nos vem do povo é uma tolice que nos leva ao regionalismo. Na primeira esquina do “me deixa” você encontra o Monteiro Lobato ou outro qualquer respeitável aproveitador comercial do Jeca. Há erros lindos, eu sei. Mas que diabo, a cultura!... E poesia também é cultura (DRUMMOND, 2010, citado em FERRAZ, 2010, p. 14-18).

Em resposta de 18 de fevereiro do ano seguinte, Mário classificou de “ignomínia” a substituição feita por Drummond, corrigindo o primeiro verso de “Nota Social”. E teceu uma série de considerações sobre as diferenças entre o falar lusitano e o brasileiro, acrescidas de “conselhos” sobre suprimir artigos, tanto definidos quanto indefinidos, o que evitaria a formação de galicismos (DRUMMOND DE ANDRADE, 1988, p. 37-38). Diante dessas sugestões bastante peremptórias, Drummond recua e resolve restaurar o verso a sua forma original:

Perdão, Mário, eu não escrevi aquele “chega à estação” em homenagem a Camilo e caterva. Foi um escrúpulo, sim, mas inocente. Com um pouco mais de reflexão torno a pôr “chega na estação”. Realmente a razão está com você. [...] Tímido e inexperiente como sou, acompanho com interesse as suas pesquisas e tentativas no sentido de “estilizar o brasileiro vulgar”; não me meto nelas porque, para mim, ainda é cedo (DRUMMOND, citado em FERRAZ, 2010, p. 19).

Por essa pequena anedota epistolar se percebe que Drummond hesitava em desviar do português padrão; mesmo assim, o primeiro verso de “No meio do caminho”, com seu “tinha” no lugar de “havia”, incomodou vários críticos, como observa Ferraz:

O solecismo “tinha uma pedra”, em vez de “havia uma pedra”, ainda enfurecia os puristas; a simplicidade vocabular e estilística dos versos soava aos mais retrógrados como ofensa à inteligência dos leitores; a aparente inanidade do tema era interpretada como pilhéria a ser denunciada para o bem da cultura nacional (FERRAZ, 2013, p. 89).

Vemos então que Drummond, apesar de ter hesitado frente a “chega na estação” por considerar essa expressão coloquial demais, não teve dúvidas sobre o “tinha uma pedra”.

Pensando agora na tradução do poema para o inglês, podemos presumir, antes mesmo de examinar as várias versões, que o texto em inglês não vai ter esse efeito de “coloquialização” ou de “solecismo” como diz Ferraz. Não existe um paralelo na língua inglesa para a diferença entre “haver” e “ter”, os dois verbos empregados no sentido de “existir”. Portanto, o poema em inglês não causará estranhamento pelo uso de uma forma que, na opinião de alguns, em português fere as normas do bom uso da língua. Podemos ter a repetição dos termos, o paralelismo, a sensação de sentido esvaziado, mas não esse efeito, que é específico do português.

“No meio do caminho”: seis traduções para o inglês

Passemos agora a uma análise das seis versões. Devido à estrutura do poema, suas repetições de palavras e construções sintáticas, o que se esperaria seriam versões bastante semelhantes. Entretanto, idênticas elas não são, o que comprova a variabilidade e a gama de possibilidades em jogo em um projeto de tradução. Começamos com a tradução de Manoel Cardozo, publicada na antologia de poesia brasileira de Cardozo e John Neistein:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road there as a stone
there was a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road there was a stone.

Never will I forget that moment
in the life of my fatigued retinas.
Never will I forget that in the middle of the road
there was a stone
there was a stone in the middle of the road
in the middle of the road there was a stone.
(NEISTEIN; CARDOZO, 1972, p. 77).

Na sequência, apresentamos a versão de Elizabeth Bishop, publicada em antologia organizada por ela e Emanuel Brasil:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road there was a stone
there was a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road there was a stone.

Never should I forget this event
in the life of my fatigued retinas.
Never should I forget that in the middle of the road
there was a stone
there was a stone in the middle of the road
in the middle of the road there was a stone.
(BISHOP; BRASIL, 1972, p. 89).

A terceira versão é de autoria de John Nist e foi publicada numa antologia de poesia latino-americana em 1996:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road was a stone
was a stone in the middle of the road
was a stone
in the middle of the road was a stone.

I shall never forget that event
in the life of my so tired eyes.
I shall never forget that in the middle of the road
was a stone in the middle of the road
in the middle of the road was a stone.
(NIST, em TAPSCOTT, 1996, p. 166-167).

A quarta versão é de Virgínia de Araújo, que organizou e traduziu uma coletânea de poemas de Drummond:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road there was a stone
there was a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road there was a stone.

I will never forget the occasion
never as long as my tired eyes stay open,
I will never forget that in the middle of the road
there was a stone
there was a stone in the middle of the road

in the middle of the road there was a stone.
(ARAÚJO, 1980, p. 152).

A quinta versão é de Richard Zenith, que organizou um livro de poemas inteiramente de autoria de Drummond:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road there was a stone
there was a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road there was a stone.

I will never forget that event
in the life of my exhausted retinas.
I will never forget that in the middle of the road
there was a stone
there was a stone in the middle of the road
in the middle of the road there was a stone.
(ZENITH, 2015, p.7).

Por fim, apresentamos a sexta versão, do Prof. George Monteiro, composta por ocasião de uma celebração do poeta na Brown University, e que foi publicada no *website Comunidades*, da RTP Açores.

IN THE MIDDLE OF THE ROAD

In the middle of the road a stone
a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road.

I shall never forget this incident
in my life of weary eyes.
I shall never forget that in the middle of the road
there was a stone
there in the middle of the road a stone
a stone in the middle of the road.
(MONTEIRO, 2015).

Se nenhuma das versões é idêntica às outras, o mesmo não pode ser dito a respeito do título: todas as traduções se intitulam “*In the middle of the road*”. É curioso pensar por que existe essa “unanimidade” na escolha de “*road*”, quando o termo “*way*” seria também adequado e é até mais próximo, em termos semânticos, de “caminho”.

Para facilitar a análise e a comparação, proporemos uma (talvez não muito ortodoxa) estratégia: retomar de cada versão os versos que contêm o que Saraiva (ver p. 3 deste trabalho) chama de “valor lógico do poema”:

No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Como será possível constatar examinando a tabela comparativa das seis versões no Anexo I, as cinco primeiras versões (Cardozo; Bishop; Nist; Araújo; Zenith) mantêm perfeitamente o paralelismo do original, reproduzindo o verso 1 nos versos 4 e 10, e o verso 2 no verso 9 (sem nos esquecermos de que o verso 2 e sua repetição no 9 são a reprodução quiasmática do verso 1 e de suas repetições no 4 e no 10). Reproduziremos então o “núcleo lógico” das cinco versões abaixo:

VERSÃO 1 – Manoel Cardozo

In the middle of the road there was a stone.
Never will I forget that moment
in the life of my fatigued retinas.
(NEISTEIN; CARDOZO, 1972, p. 77).

VERSÃO 2 – Elizabeth Bishop

In the middle of the road there was a stone.
Never should I forget this event
in the life of my fatigued retinas.
(BISHOP; BRASIL, 1972, p. 89).

VERSÃO 3 – John Nist

In the middle of the road was a stone.
I shall never forget that event
in the life of my so tired eyes.
(NIST, em TAPSCOTT, 1996, p. 166-167).

VERSÃO 4 – Virgínia de Araújo

In the middle of the road there was a stone.
I will never forget the occasion
never as long as my tired eyes stay open,
(ARAÚJO, 1980, p. 152).

VERSÃO 5 – Richard Zenith

In the middle of the road there was a stone.
I will never forget that event
in the life of my exhausted retinas.
(ZENITH, 2015, p.7).

Quanto ao primeiro verso, que é também o quarto e o décimo (e o 2 e o nove em ordem invertida), apenas a versão de John Nist difere das outras, pela falta do “*there*” na expressão “*there was a stone*”. O verso de Nist é “*In the middle of the road was a stone*”. Discutiremos essa divergência entre o verso de Nist e os dos outros quatro tradutores apresentados aqui mais adiante, quando retomaremos essa questão considerando também a tradução de George Monteiro. Passemos agora ao verso 5, que também é o início do 7, no qual percebemos basicamente duas opções principais com variantes secundárias. Manoel Cardozo e Elizabeth Bishop optaram por iniciar o verso com o termo “*Never*”, o que causa uma inversão na ordem esperada da frase em inglês, atraindo o verbo auxiliar para perto do advérbio e dando um efeito diferenciado do produzido pelo verso no original.³ O efeito em inglês é de um registro mais culto e mais enfático, já que a inversão da ordem sintática da frase que se inicia com um advérbio é menos presente na fala cotidiana (da qual o poema se aproxima), embora seja perfeitamente possível.

Por outro lado, se essa preferência de Cardozo e Bishop acaba fazendo o poema se distanciar do registro coloquial nesse verso, a própria inversão cria um ritmo que se parece mais, com o do verso em português, com o “Nunca me esquecerei” sendo traduzido por “*Never will I forget*” e “*Never should I forget*”, respectivamente. Em termos vocabulares, a opção de Cardozo, “*Never will I*” tem mais intensidade do que “*Never should I*”, embora a diferença não seja tão relevante.

As outras três versões, de John Nist, Virgínia de Araújo, e Richard Zenith, mantiveram a ordem mais frequente no inglês ao traduzir o verso “Nunca me esquecerei...” com “*I shall never forget*”, na versão de Nist e “*I will never forget*” nas versões de Araújo e Zenith. Assim, os versos reproduzem o tom mais monótono do poema como um todo, e talvez criem um efeito mais monótono ainda em inglês, já que

³ Apesar dessa diferença e colocando uma questão muito interessante de tradução, nessas versões o poema em inglês acompanha o poema original no sentido de o verso iniciar com o advérbio, “Nunca” e “*Never*”.

em português o verso “Nunca me esquecerei” parece quebrar mais o ritmo do que as versões inglesas com “*I shall/will never forget*”.

Entretanto, há outra diferença entre essas três versões na repetição desses versos. A versão de Virgínia de Araújo desvia o formato do verso 6, que tanto Nist quanto Zenith mantêm bastante paralelos ao verso em português, “na vida de minhas retinas tão fatigadas”. Nist escolhe “*in the life of my so tired eyes*” e Zenith opta por “*in the life of my exhausted retinas*”, que aliás é quase idêntica nesse verso às versões de Manoel Cardozo e Elizabeth Bishop, que são perfeitamente iguais. A única diferença é que Zenith escolhe “*exhausted*” para “fatigadas”, enquanto Cardozo e Bishop optam por “*fatigued*”. É provável que Zenith tenha optado por um termo mais comum do inglês, ao passo que Cardozo e Bishop escolheram manter ao máximo a estrutura do poema, além de vocábulos correspondentes nas duas línguas.

Voltando ao desvio da tradução de Virgínia de Araújo no verso 6, a sua escolha “*never as long as my tired eyes stay open*” traz uma novidade para a reconstrução do poema em inglês, porque não segue a estrutura do verso em português tão de perto. Além disso, há o acréscimo de “*never as long as*”, reforçando o “*I will never forget*”. Porém, o desvio mais flagrante acontece no que Ezra Pound chamou de “fanopeia”, que se refere às imagens do poema (POUND, 1968, p. 15-40). Virgínia de Araújo se afasta da figura de uma imagem fixada na retina (ou nos olhos) do poeta. Quando escolhe “*never as long as my tired eyes stay open*”, ela cria um sentido próximo de “enquanto eu estiver vivo, com os olhos abertos”, ao passo que as outras cinco traduções reproduzem com mais rigor o “na vida de minhas retinas tão fatigadas”. A vida, que é atribuída às retinas fatigadas no original, passa a se referir à pessoa do poeta como um todo. O texto em português, empregando “retina”, enfatiza a noção de uma imagem que se grava indelevelmente na memória visual do poeta. As traduções de Cardozo, Bishop e Zenith, que mantêm “*retinas*”, reproduzem melhor essa associação da formação e fixação da imagem. Nist e Monteiro, escolhendo “*eyes*”, diluem um pouco essa ideia. Já Araújo usa “*eyes*” para construir a associação entre “olhos abertos” e “estar vivo”.

Outro detalhe referente ao verso 5, e aproveito para, neste ponto, incluir a tradução de George Monteiro nessa discussão, é a tradução de “acontecimento”. As traduções de Manoel Cardozo e de Virgínia de Araújo escolhem termos mais associados ao tempo, com “*that moment*” e “*the occasion*”, respectivamente, ao passo que as de Elizabeth

Bishop, John Nist e Richard Zenith optam por “*that event*”, enquanto a de George Monteiro traz “*this incident*”. Não encontramos estudos que tenham se detido nesse termo em sua análise de “No meio do caminho”. Apesar do caráter cambiante dos sentidos, o termo “acontecimento” parece estar mais ligado a algo incomum, inaudito.⁴ As escolhas dos tradutores parecem apontar mais para um evento qualquer, que faz parte do cotidiano.

Se acatarmos a interpretação de que o poema se refere a um grande cansaço da vida, como opinou Mário de Andrade, parece-nos, entretanto, que há uma forte ironia no uso justamente de um termo como “acontecimento”, que indica algo inusitado. O grande “evento” a que se refere o poeta, que poderia ter sido um divisor de águas em sua vida (o que é indicado por “Nunca me esquecerei”), é justamente o obstáculo, que provoca tédio e desengano, sentimentos reforçados pelas constantes repetições do poema. O termo “*happening*” está mais próximo desse sentido aqui eleito de “acontecimento”.⁵ O fato de nenhum dos tradutores ter escolhido esse termo pode ter várias explicações e não nos cabe aqui tentar descobri-las. Fica só a constatação de que “acontecimento” no poema original leva a uma associação com algo diferente, inusitado, que poderia quebrar a rotina, mas que, ironicamente, só causa mais tédio e desengano. Os termos escolhidos em inglês amortecem esse uso irônico do termo no poema em português.

⁴ Acontecimento. substantivo masculino. 1 o que acontece; fato, ocorrência <as manchetes sempre anunciam a. sensacionalistas> 2 o que acontece ou se realiza de modo inesperado; acaso, eventualidade <foi uma semana repleta de a.> 3 fig.; infrm. pessoa ou fato digno de nota, que produz viva sensação ou constitui grande êxito; sucesso <a moça transformou-se no a. da rua> <a chegada da atriz na festa foi um a.> (HOUAISS eletrônico, acesso feito em 27 jun 2018, grifo meu)

Acontecimento. sm 1. 1. Ação ou resultado de acontecer, de ocorrer; OCORRÊNCIA: *O acontecimento de uma enchente pode ser evitado.: Na cidade pequena, qualquer acontecimento é um evento público.* 2. **Fato muito interessante ou de grande importância; EVENTO: O caso tomou as proporções de um acontecimento.: "Foi um acontecimento (...) a ida de dona Adelaide para a Corte." (Adolfo Caminha, *Tentação*)** 3. Aquilo que acontece ou se realiza de forma imprevista; ACASO; EVENTUALIDADE: *Diversos acontecimentos impediram a posse do presidente.* 4. Fig. Pop. Alguém ou algo que tem grande destaque, que é um sucesso: *A catadora de lixo tornou-se um acontecimento quando virou modelo.* 5. Est. Ocorrência de uma das alternativas num conjunto de possibilidades; EVENTO (AULETE eletrônico, acesso feito em 27 jun 2018, grifo meu).

⁵ happening. noun. plural -s 1: [occurrence](#) <happenings of major significance> 2: an event or series of events designed to evoke a spontaneous audience reaction to sensory, emotional, or spiritual stimuli. 3 : something (as an event) that is particularly interesting, entertaining, or important <the hearing is a happening, one of those unique events ... which will be talked about for years — Douglas Kiker> (WEBSTER eletrônico, acessado em 27 jun 2018, grifo meu).

Já nos encaminhando agora para o final da análise, passamos à tradução de George Monteiro, que será comentada em contraposição às outras versões, que mantiveram muito mais a estrutura do poema original (embora as outras cinco tenham variações entre si). Para comodidade do leitor, transcrevemos aqui mais uma vez, de modo que não seja necessário voltar várias páginas para acompanhar os comentários:

IN THE MIDDLE OF THE ROAD – George Monteiro

In the middle of the road a stone
a stone in the middle of the road
there was a stone
in the middle of the road.

I shall never forget this incident
in my life of weary eyes.
I shall never forget that in the middle of the road
there was a stone
there in the middle of the road a stone
a stone in the middle of the road.
(MONTEIRO, 2015).

Em primeiro lugar, pode-se supor que essa versão dialoga com todas as anteriores, além de dialogar, obviamente, com o poema em português. E se Monteiro ousa mais, não reproduzindo tão sistematicamente as repetições do original, mas fazendo-o de forma mais variada, é porque tantas outras versões já foram feitas que ficam mais “permissíveis” os desvios. É claro que o tradutor, a princípio, tem o direito de traduzir um texto como bem entender, mas é bem possível que a aceitabilidade do poema de Monteiro seja maior porque já existem no sistema literário estadunidense várias outras versões que reproduzem o poema com maior semelhança. A versão de Monteiro tem um frescor que renova o poema, mas é possível que o tradutor não a tivesse concebido se não houvesse as versões anteriores.

O primeiro verso, “*In the middle of the road a stone*” intensifica o estranhamento causado pela tradução de John Nist, que mencionamos anteriormente e dialoga especificamente com ela. “*In the middle of the road was a stone*”, sem o “*there*” rompe com a estrutura comum das frases em inglês e também com o primeiro verso do poema em português. Isso acaba compensando o efeito do verbo “*tinha*” do original que, por ser uma alternativa mais coloquial para “*havia*”, incomodou alguns críticos e agradou a outros, entre eles Mário de Andrade.

Mas a versão de Monteiro, mais ousada, acrescenta outro efeito: o da surpresa. É como se a pedra no caminho surgisse de repente como o sintagma “*a stone*” logo depois de “*road*”, fazendo o leitor parar de repente para não tropeçar ou não bater de chofre na pedra. O conjunto dos quatro primeiros versos de Monteiro cria a impressão de uma amarração sintática: depois dos dois primeiros versos se repetirem com as palavras em ordem inversa mas com a falta do “*there was*”, os dois últimos versos vêm arrumar a ideia, como se o leitor/poeta andarilho se recompusesse depois da incômoda surpresa causada pelo súbito aparecimento da pedra. Tomando tento da situação, o poeta arruma as frases e traz, numa sequência muito mais ortodoxa, a constatação da presença da pedra no meio do caminho: “*there was a stone/ in the middle of the road*”, os versos 3 e 4 do poema de Monteiro sendo idênticos ao verso 2 das outras versões, exceto a de John Nist, que também não tem o “*there*”.

A segunda estrofe começa mais bem estruturada, com “*I shall never forget this incident/in my life of weary eyes./I shall never forget that in the middle of the road/there was a stone*”. Na sequência vem o verso 9 que se apresenta de novo com uma ordem sintática mais quebrada, “*there in the middle of the road a stone*”, que repete quase totalmente o primeiro verso, mas não sem cindir a locução verbal que se repete em todas as outras versões, “*there was a stone*”, e além disso acrescentando o “*there*”, que por não vir junto com “*was*”, acaba assumindo o sentido de “ali” simplesmente, sendo lido como “ali, no meio estrada, uma pedra”, só que sem as vírgulas, o que dá ao verso um caráter muito mais truncado.

Essa cisão entre o “*there*” e o “*was*”, que ocorrem como uma locução verbal “*there is*”, duas vezes, nos versos 3 e 8, (em contraposição a 7 ocorrências nas outras versões, exceto a de Nist), fecha o poema com a mesma impressão de confusão e surpresa com que ele se abre. Após a tentativa de estabilização emocional/sintática diante da surpresa e do incômodo causados pela pedra, o poeta parece de novo confuso e frustrado diante do obstáculo simbolizado por ela.

Dessa forma, a tradução de Monteiro dialoga com as versões anteriores e com o poema original e os revive, transformando-os. E, como já foi dito, é provavelmente devido à própria existência das versões anteriores que a de George Monteiro ao mesmo tempo justifica a si mesma e ressignifica as versões anteriores. É natural que a versão mais recente, que se afasta das outras em certo sentido, sobressaia em meio às outras,

nem que seja pela novidade em si. Mas é importante lembrar que o “desvio” de Monteiro foi provavelmente calculado, e que sua versão em muitos aspectos segue o modelo do original e das outras traduções. Um exercício interessante é comparar as versões tendo em vista a extensão dos versos (Ver Anexo I). Em todas elas, os versos 3 e 8 são mais curtos, ao passo que o verso 7 é bem mais longo que os outros. Ou seja, mesmo que Monteiro tenha dinamizado a estrutura sintática dos versos do original, ele se preocupou em manter esse aspecto da extensão dos versos e seu efeito visual na página. Ele também jogou com basicamente os mesmos termos: “*middle of the road*”; “*stone*”; “*I shall never forget*”; “*in my life of weary eyes*”. Apenas os organizou de forma diversa e criou um efeito mais dinâmico no poema, que se afasta um pouco (mas nem tanto) da monotonia do original.

Considerações finais

Virou praticamente um clichê na área da tradução mencionar o conceito de tradução como “sobrevida” do texto original, proposto por Walter Benjamin (BENJAMIN, 2010). Sem discutir o conceito agora, e correndo o risco da citação sem sólida fundamentação, trago aqui o conceito de “sobrevida” um pouco deslocado em relação à proposta de Benjamin. É claro que cada uma das traduções contribui para difundir o “poema da pedra” e a poesia de Drummond no polissistema literário anglófono. Esse poema, que causa estranhamento, mereceu pelo menos seis versões em língua inglesa dentro de um período de cerca de 40 anos. O trabalho de análise e comparação das traduções entre si e com o texto em português evidenciou que a tradução é um exercício essencialmente criativo e original. Para um poema tão repetitivo em que ocorre um número bem restrito de vocábulos, nenhuma das seis traduções é idêntica à outra. Também fica mais fácil perceber, no trabalho com traduções de um poema dessa natureza, que cada termo escolhido traz novas nuances para o poema como um todo, e cada versão constrói um poema ligeiramente (ou não tão ligeiramente) diferente. Se para o termo “acontecimento” alguns tradutores escolheram termos mais ligados ao tempo, como “*occasion*” e “*moment*”, esses termos vão se compor com os outros para criar um novo poema que ao mesmo tempo repete o original e dele difere. As cinco primeiras versões apresentadas são bastante paralelas ao texto em português, mas não são, e nem poderiam ser, idênticas a ele, nem idênticas entre si. A

versão de Monteiro surge e dialoga com todas as anteriores. Borges sabia o que estava dizendo quando afirmou que quanto mais versões de uma obra, tanto melhor. Às vezes, comparando versões, percebemos possibilidades de leitura que não havíamos aventado anteriormente, mesmo no original. Borges considerava uma riqueza poder ler várias versões de obras como *A Odisseia* ou *As mil e uma noites*. Ele considerava uma “vantagem” não saber grego e árabe, já que assim poderia ler muitas reescritas dessas obras, que ele considerava, juntamente com o original, não definitivas. Para Borges, a ideia do texto definitivo só poderia corresponder à religião ou à morte (ESTEVES, 2014, p. 313-314). O exercício realizado neste trabalho não deixa de ser um pouco borgiano nesse sentido, colocando numa ciranda o “poema da pedra” e seis versões suas para o inglês, e tentando ressaltar as particularidades de cada um dos textos e seu diálogo com os outros.

Referências:

- ACHCAR, F. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ARAÚJO, V. (ed. & transl). *The minus sign*. Selected Poems – Carlos Drummond de Andrade. Richmond: Black Swan, 1980.
- AULETE, C. *Aulete digital*. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, versão online, disponível em: www.aulete.com.br.
- BENJAMIN, W. Benjamin, W. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampf Lages. In: Heidermann, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução* – antologia bilíngue. 2. ed., rev. e ampl. Florianópolis: nut/ufsc, 2010, v. 1.
- BISHOP, E.; BRASIL, E. *An Anthology of twentieth-century Brazilian poetry* [vários autores] Hanover & London, Wesleyan University Press, 1972.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____ *Vários escritos*. 5e, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. (seleção e montagem) *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

_____. *C. Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FERRAZ, E. Alguma cambalhota (posfácio). In: ANDRADE, C. D. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Apresentação. In: ANDRADE, C. D. *Alguma poesia: o livro em seu tempo*. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2010.

HOUAISS, A. *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0>

MONTEIRO, G. In the middle of the road. In: NUNES, L. A new translation of "No meio do caminho" to accompany a celebration today at Brown University of Carlos Drummond de Andrade and his work. *Comunidades*. Açores: RTP Açores, 2015. Disponível em: <http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade-in-the-middle-of-the-road-new-translation-george-monteiro-48576>, acesso feito em 20 mai 2018.

NEISTEIN, J.; CARDOZO, M. (Ed.) *Poesia brasileira moderna*. Washington, D. C.: Brazilian American Cultural, Institute, 1972.

POUND, E. How do read In: *Literary Essays of Ezra Pound*, New York: New Directions, 1968.

SARAIVA, A. Apresentação. In: ANDRADE, C. D. (seleção e montagem) *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

TAPSCOTT, S. (ed.) *Twentieth-century Latin American poetry: a bilingual anthology*, Austin: The University of Texas Press, 1996.

WEBSTER, N. *Merriam Webster unabridged dictionary online*. Disponível em: <http://unabridged.merriam-webster.com/>.

ZENITH, R. (ed. transl.) *Multitudinous heart: Carlos Drummond de Andrade – Selected poems*. UK: Penguin – Random House, 2015.

ANEXO I – Tabela comparativa das seis traduções de “No meio do caminho” para o inglês.

<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – Manoel Cardozo</p> <p>In the middle of the road there as a stone there was a stone in the middle of the road there was a stone in the middle of the road there was a stone.</p> <p>Never will I forget that moment in the life of my fatigued retinas. Never will I forget that in the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road in the middle of the road there was a stone. (NEISTEIN; CARDOZO, 1972, p. 77).</p>	<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – Elizabeth Bishop</p> <p>In the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road there was a stone in the middle of the road there was a stone.</p> <p>Never should I forget this event in the life of my fatigued retinas. Never should I forget that in the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road in the middle of the road there was a stone. (BISHOP; BRASIL, 1972, p. 89).</p>	<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – John Nist</p> <p>In the middle of the road was a stone was a stone in the middle of the road was a stone in the middle of the road was a stone.</p> <p>I shall never forget that event in the life of my so tired eyes. I shall never forget that in the middle of the road was a stone was a stone in the middle of the road in the middle of the road was a stone. (NIST, em TAPSCOTT, 1996, p. 166-167).</p>
<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – Virgínia de Araújo</p> <p>In the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road there was a stone in the middle of the road there was a stone.</p> <p>I will never forget the occasion never as long as my tired eyes stay open, I will never forget that in the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road in the middle of the road there was a stone. (ARAÚJO, 1980, p. 152).</p>	<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – Richard Zenith</p> <p>In the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road there was a stone in the middle of the road there was a stone.</p> <p>I will never forget that event in the life of my exhausted retinas. I will never forget that in the middle of the road there was a stone there was a stone in the middle of the road in the middle of the road there was a stone. (ZENITH, 2015, p.7).</p>	<p>IN THE MIDDLE OF THE ROAD – George Monteiro</p> <p>In the middle of the road a stone a stone in the middle of the road there was a stone in the middle of the road.</p> <p>I shall never forget this incident in my life of weary eyes. I shall never forget that in the middle of the road there was a stone there in the middle of the road a stone a stone in the middle of the road. (MONTEIRO, 2015).</p>